



Luísa Godinho Doutora pela *Université de Genève*, Suíça. Professora na Universidade Autónoma de Lisboa.

PORTUGUÊS E ESPANHOL: DUAS LÍNGUAS, UM ESPAÇO GEOSEMÂNTICO

26 setembro 2026

O espaço luso-hispânico assume-se como uma vasta geografia humana que possui expressão simultaneamente demográfica, económica, política e cultural. É necessária uma estratégia integrada que trate a proximidade entre português e espanhol como recurso geopolítico, potenciando a capacidade de conexão.

Poucas línguas apresentam uma projeção geográfica e uma dimensão histórica comparáveis às do português e do espanhol, faladas em diferentes continentes e inscritas em redes políticas, económicas e culturais que ultrapassam os territórios onde são oficiais. Ambas constituem espaços de circulação transnacional de pessoas, conhecimentos e bens.

A esta dimensão global das duas línguas, acresce ainda uma característica singular: apesar de distintas, português e espanhol apresentam condições particularmente favoráveis à compreensão recíproca, o que permite interrogar o potencial geopolítico do espaço luso-hispânico.

É na articulação entre geografia, língua e sentidos que se situa a emergência de um espaço geosemântico.

Dois espaços linguísticos de dimensão global

Português e espanhol constituem dois dos mais extensos espaços linguísticos do mundo, embora a sua configuração geográfica e demográfica seja distinta. Segundo o Instituto Cervantes, em 2025 o espanhol ultrapassou os 630 milhões de falantes potenciais, dos quais 519,1 milhões possuem domínio nativo da língua. Cerca de 24,6 milhões de pessoas encontram-se a aprender espanhol como língua estrangeira, confirmando a sua forte projeção internacional e a capacidade de expansão para além dos territórios maioritariamente hispanófonos (Moreno Fernández & Álvarez Mella, 2025).

O português possui mais de 265 milhões de falantes distribuídos por todos os continentes, sendo a língua mais falada no hemisfério sul. A sua geografia oficial compreende nove Estados, articulados por uma comunidade política e institucional que confere à língua uma dimensão

internacional que não pode ser reduzida à população de nenhum dos seus países individualmente considerados.

As configurações dos dois espaços são, contudo, diferentes. O espanhol apresenta uma forte concentração no continente americano, mas com vários centros demográficos e políticos de grande dimensão, aos quais se acrescenta a Espanha. O português possui um grande centro demográfico no Brasil, uma presença europeia associada a Portugal e uma importante implantação africana em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, além da sua presença histórica e institucional noutros espaços.

A geografia dos dois espaços não é, assim, estática. Está sujeita a transformações demográficas, económicas, políticas e tecnológicas que poderão alterar o seu peso relativo e, sobretudo, as relações entre os seus diferentes centros.

A dimensão conjunta dos dois universos permite apreender uma realidade que os números separados não revelam inteiramente. Em 2020, o Instituto Internacional da Língua Portuguesa estimava em cerca de 800 milhões o número de falantes de português e de espanhol no mundo. Desse conjunto, cerca de 678 milhões encontravam-se nas Américas, 55 milhões na Europa, 65 milhões em África e aproximadamente dois milhões na Ásia.

Segundo a mesma fonte, o espaço luso-hispânico tornar-se-ia num dos mais

relevantes espaços geolinguísticos do mundo - algumas metodologias colocando-o entre os cinco maiores - e representando cerca de 10,6% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e 11,2% do tráfego global de Internet.

Estes valores permitem apreender a escala potencial do espaço luso-hispânico como realidade económica, territorial e comunicacional. Não se trata, portanto, apenas de dois grandes conjuntos de falantes, mas de uma vasta geografia humana que possui expressão simultaneamente demográfica, económica, política e cultural.

A América do Sul constitui o principal espaço de sobreposição. Aí, a presença do espanhol em grande parte da América Latina encontra no Brasil um enorme espaço de língua portuguesa, criando uma configuração linguística singular no interior do continente.

A dimensão africana é igualmente decisiva. O crescimento demográfico de Angola e Moçambique deverá reforçar nas próximas décadas o peso de África no espaço português, tornando a sua configuração progressivamente mais intercontinental. Projeções baseadas em dados das Nações Unidas apontam para cerca de 400 milhões de falantes de português como primeira língua em 2050 e mais de 500 milhões no final do século, com Angola e Moçambique a desempenharem um papel importante nessa evolução.

A geografia dos dois espaços não é, assim, estática. Está sujeita a transformações demográficas, económicas, políticas e tecnológicas que poderão alterar o seu peso relativo e, sobretudo, as relações entre os seus diferentes centros.

Da proximidade linguística ao espaço geosemântico

A dimensão demográfica e territorial, contudo, não explica por si só o interesse da relação entre português e espanhol.

Existe entre as duas línguas uma proximidade estrutural que introduz uma variável adicional: a possibilidade de comunicação com custos linguísticos relativamente reduzidos.

Português e espanhol partilham uma origem românica e apresentam importantes afinidades lexicais e gramaticais. O Instituto Internacional da Língua Portuguesa refere uma partilha lexical que pode atingir cerca de 89%, embora a distância fonética e prosódica limite significativamente a compreensão oral espontânea.

A proximidade não significa, naturalmente, inteligibilidade plena, já que existem falsos cognatos, diferenças semânticas, especificidades sintáticas e diferenças fonéticas que podem gerar incompreensão. Mas esta ressalva não elimina a característica fundamental de o custo de aproximação entre português e espanhol ser relativamente baixo quando comparado ao existente entre línguas estruturalmente mais distantes.

A intercompreensão afirma-se, por conseguinte, como a questão crucial, ao assentar numa forma de comunicação na qual cada interlocutor conserva a sua própria língua e desenvolve capacidade para compreender a do outro. Não exige, portanto, a substituição das duas línguas por uma terceira, nem pressupõe a homogeneização linguística, assentando, pelo contrário, na capacidade de utilizar a proximidade existente entre elas.

Esta possibilidade possui implicações que ultrapassam o domínio estritamente linguístico. Se a intercompreensão pode facilitar a circulação de estudantes, investigadores, profissionais, conteúdos científicos, produtos culturais ou infor-

mação, então a proximidade linguística pode transformar-se numa infraestrutura de conectividade.

É neste ponto que se propõe a noção de espaço geosemântico.

Um espaço geosemântico pode ser entendido como um espaço resultante da combinação entre proximidade geográfica, relações políticas e proximidade linguística, no qual comunidades que utilizam línguas distintas dispõem de uma capacidade acrescida para partilhar sentidos, referências e conteúdos.

O espaço luso-hispânico pode, neste sentido, ser pensado como um espaço geopolítico, cuja especificidade reside menos na homogeneidade dos seus atores do que na existência de uma infraestrutura linguística que facilita a ligação entre eles.

O conceito introduz, assim, uma dimensão que não está necessariamente contida na noção convencional de espaço linguístico. Um espaço linguístico pressupõe a existência de uma língua, das suas comunidades e das instituições que a sustentam. Um espaço geosemântico pressupõe, adicionalmente, a possibilidade de circulação entre espaços linguísticos distintos através da proximidade dos seus repertórios linguísticos e culturais.

Não se trata de criar uma nova língua, mas de criar condições para uma comunicação que não exige a eliminação da diferença.

A fórmula poderia ser resumida da seguinte forma: duas línguas, duas estruturas, duas identidades linguísticas – mas uma capacidade acrescida de partilhar sentidos.

Da geosemântica à geopolítica

Neste contexto, o conceito de espaço geosemântico deixa de ser apenas uma categoria de análise linguística e adquire uma dimensão propriamente geopolítica. A geopolítica não se ocupa exclusivamente da distribuição territorial do poder. Ocupa-se também das condições que permitem a determinados atores produzir, projetar e fazer circular recursos materiais e imateriais. As línguas participam nesse processo porque estruturam comunicação, conhecimento, relações económicas, produção cultural e circulação de informação.

Se a proximidade entre português e espanhol reduz determinados custos de comunicação, então essa proximidade pode ser convertida em capacidade de conexão. E se essa capacidade opera entre espaços de grande dimensão demográfica, económica e territorial, a sua importância deixa de ser meramente cultural.

O espaço luso-hispânico pode, neste sentido, ser pensado como um espaço geopolítico, cuja especificidade reside menos na homogeneidade dos seus atores do que na existência de uma infraestrutura linguística que facilita a ligação entre eles.

Esta infraestrutura não é ainda plenamente institucionalizada. Existem, contudo, manifestações concretas da sua existência. O Mercosul constitui um exemplo particularmente expressivo no qual o português e o espanhol convivem como línguas oficiais de trabalho da organização, demonstrando que dois espaços linguísticos distintos podem coexistir no interior de uma estrutura de integração regional sem que um tenha de se subordinar ao outro.

A proximidade entre Portugal e Espanha constitui outro nível dessa realidade. A fronteira terrestre, os fluxos económicos e humanos, as relações institucionais e a existência de espaços de interação quotidiana demonstram que a proximidade

FIGURA 1. AS 10 LÍNGUAS MAIS FALADAS NO MUNDO, 2026

Fonte: Ethnologue. <https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/>.

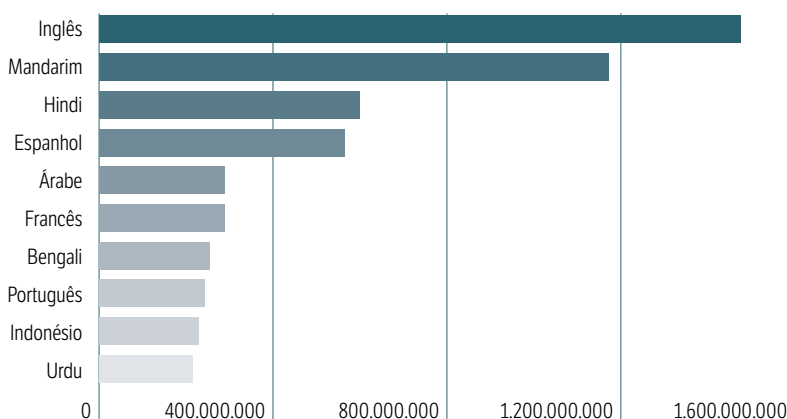


FIGURA 2. PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA E ESPANHOLA
O português é língua oficial em 9 países e o espanhol em 21 países.

Fonte: Somos Iberoamerica, 2023.

■ Países de Língua Oficial Portuguesa

Europa: Portugal

América do Sul: Brasil

África: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial

Ásia: Timor-Leste

(Nota: Macau, na China, também utiliza o português como língua oficial, mas é uma Região Administrativa Especial.)

■ Países e Territórios de Língua Oficial Espanhola

Europa: Espanha

América do Norte / Central e Caraíbas: México, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Cuba, República Dominicana e Porto Rico (que é um território livre associado aos EUA)

América do Sul: Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai

África: Guiné Equatorial

dade linguística pode reforçar formas de integração que já possuem uma base geográfica e política.

Mas a dimensão geopolítica do espaço luso-hispânico não se esgota nas relações bilaterais ou regionais. Ela decorre precisamente da possibilidade de articular geografias distintas entre a Europa e a América, a América e a África, espaços lusófonos e hispanófonos.

O Brasil ocupa aqui uma posição singular. Pela sua dimensão territorial e demográfica, afirma-se como o grande centro americano do espaço português e, simultaneamente, encontra-se imerso num espaço continental maioritariamente hispanófono. A sua posição pode ser interpretada como uma espécie de charneira geopolítica entre dois grandes universos linguísticos.

África acrescenta uma outra dimensão a esta configuração. Angola e Moçambique poderão assumir um peso crescente no espaço português, enquanto a presença de comunidades e Estados hispanófonos em diferentes regiões africanas cria possibilidades futuras de contacto que ultrapassam a geografia tradicional do eixo Portugal-Espanha-América Latina.

Deste ponto de vista, a geopolítica do espaço luso-hispânico não corresponde a um território contínuo, mas a uma geografia de conexões.

O potencial do espaço luso-hispânico

Que potencial pode então resultar da transformação dessa proximidade numa estratégia de cooperação?

O primeiro domínio é o económico. A existência de grandes mercados e a relativa facilidade de comunicação podem favorecer relações comerciais e empresariais, circulação de profissionais e criação de redes económicas transnacionais. Os dados de 2020, segundo os quais os países lusófonos e hispanófonos representavam conjuntamente 10,6% do PIB mundial, dão uma indicação da escala económica potencial desse espaço.

O segundo é o científico e educativo. A intercompreensão pode reduzir barreiras à mobilidade académica e à circulação do conhecimento. Uma maior capacidade de ler e compreender a língua vizinha sem exigir necessariamente o domínio pleno da mesma permitiria ampliar sig-

nificativamente o universo de conteúdos acessíveis a estudantes e investigadores. O terceiro domínio é cultural. Literatura, audiovisual, música, comunicação social e produção digital podem beneficiar de uma circulação mais direta entre os dois espaços. A proximidade linguística pode reduzir custos de tradução e facilitar a criação de públicos transnacionais.

O quarto é o digital. O dado de que os conteúdos em português e espanhol representavam, em conjunto, cerca de 11,2% do tráfego global da Internet, embora correspondente a uma medição de 2020, é particularmente revelador. O crescimento das plataformas digitais torna a dimensão linguística da produção e circulação de informação cada vez mais relevante para a projeção internacional. Existe, finalmente, um potencial político e diplomático. Um espaço linguístico desta dimensão, distribuído por vários continentes e com forte presença nas Américas, na Europa e em África, possui condições para constituir uma rede de cooperação com peso próprio. Isso não implica a criação de uma organização política luso-hispânica nem a diluição das estruturas existentes. Implica reconhecer

que a língua pode funcionar como uma infraestrutura adicional de articulação entre Estados e sociedades.

Neste sentido, o espaço luso-hispânico poderia assumir particular relevância num sistema internacional caracterizado pela multiplicação de centros de poder. A sua força não resultaria da capacidade de impor uma ordem ou uma língua, mas da capacidade de ligar espaços que permanecem politicamente distintos. A dimensão estratégica da língua residiria, assim, menos no poder de exclusão do que no poder de conexão.

Um potencial ainda subaproveitado

Apesar destas condições, o espaço luso-hispânico permanece institucionalmente fragmentado. Existem organizações, políticas e iniciativas que exploram partes desta realidade, mas não existe, ainda, uma estratégia integrada que trate a proximidade entre português e espanhol como um recurso geopolítico.

Essa ausência é particularmente significativa porque muitos dos elementos necessários já existem: dimensão demográfica, proximidade linguística, redes institucionais, relações económicas, mobilidade, produção cultural e presença digital.

O que falta é, em larga medida, uma consciência estratégica dessa convergência.

Uma política orientada para a valorização do espaço luso-hispânico poderia passar pelo reforço do ensino recíproco das duas línguas, pela promoção da intercompreensão, pela criação de mecanismos de certificação adequados, pelo estímulo a meios de comunicação bilingues, pela circulação de produção científica e cultural e pela valorização das regiões fronteiriças.

Não se trataria de substituir as políticas de promoção de cada língua por uma política linguística conjunta. Pelo contrário, a cooperação poderia reforçar a autonomia e a projeção de ambas.

Conclusão

Português e espanhol constituem dois grandes espaços linguísticos de dimensão mundial, cuja importância ultrapassa a escala demográfica. A sua presença em diferentes continentes, o peso económico e cultural dos países que os integram e a crescente importância da comunicação digital conferem-lhes uma projeção internacional considerável.

A sua proximidade linguística acrescenta a esta dimensão a possibilidade específica da intercompreensão. É dessa possibilidade que emerge a ideia de espaço geosemântico, no qual línguas distintas podem conservar as suas estruturas e identidades próprias, ao mesmo tempo que facilitam a circulação de sentidos entre as comunidades que as utilizam.

A geosemântica, por sua vez, gera condições geopolíticas, sobretudo ao permitir reduzir custos de comunicação e criar condições de conectividade.

O espaço luso-hispânico apresenta, neste sentido, características singulares: grande dimensão demográfica, extensa dispersão territorial, concentração significativa nas Américas, presença crescente em África, peso económico, relevância digital e proximidade linguística.

O seu potencial reside, sobretudo, na possibilidade de transformar estas características dispersas numa rede de relações mais consciente e mais estratégica. Não se trata de construir um novo espaço político supranacional, nem de fundir duas línguas próximas. Trata-se de reconhecer uma realidade já parcialmente existente e de explorar as possibilidades que dela decorrem. ●

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.30>

Referências

- Del Valle, J. (2011). Política del lenguaje y geopolítica: España, la RAE y la población latina de Estados Unidos. In S. Senz & M. Alberte (Eds.), *El dardo en la Academia: Esencia y vigencia de las academias de la lengua española* (Vol. 1, pp. 551–590). Melusina.
- Del Valle, J. (2024). *Lo político del lenguaje: Travesía por el español y sus malestares*. Verba Volant. ISBN 978-956-08071-0-6.
- García Delgado, J. L. (Ed.). (2021). *El español, lengua internacional: Proyección y economía*. Instituto Cervantes; Universidad Nebrija; Civitas.
- López García-Molins, Á. (2023). El español y la intercomprensión en Europa. *Archiletras Científica*, 10, 111–130.
- Moreno Fernández, F., & Álvarez Mella, H. (2025). Demografía del español en el mundo 2025. In *El español en el mundo: Anuario 2025*. Instituto Cervantes.
- Reto, L., & Crespo, N. (2020). A posição do espanhol e do português entre as línguas globais. In L. Reto & R. Gutiérrez Rivilla (Eds.), *A projeção internacional do espanhol e do português: O potencial da proximidade linguística* (pp. 261–286). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Reto, L., & Gutiérrez Rivilla, R. (Eds.). (2020). *A projeção internacional do espanhol e do português: O potencial da proximidade linguística*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Somos Iberoamerica (2023). Espanhol e português: o potencial de duas línguas irmãs e globais. *Artigo online*, 22.06.2023. <https://somosiberoamerica.org/pt-br/temas/cultura/espanhol-e-portugues-o-potencial-de-duas-linguas-irmas-e-globais/>